

EXPLICAÇÃO DOS HOMENS E DE OUTROS ANIMAIS

Depois das queimadas as chuvas
Fazem as plantas vir à tona
Labaredas vegetais e vulcânicas
Verdes como o fogo
Rapidamente descem em crateras concisas
E seiva
E derramam o perfume como lava

E se quiséssemos queimar animais de grande porte
Eles não regressariam. Mas a morte
Das plantas é a sua infância
Nova. Os caules levantam-se
Cheios de crias recentes

Também os corações dos homens ardem
Bebem vinho, leite e água e não apagam
O amor

(E.A.O.A., p.7)

É sob o signo do fogo destruidor da imperfeição, necessariamente purificador, e abrindo a uma infância nova, cria recente do «incêndio dos aspectos»¹, que a Colecção «Fogo das Figuras» se apresenta, editando, com discreto refinamento gráfico, os dois excelentes livros de Daniel Faria *Explicação das Árvores e de Outros Animais*² e *Homens que são como*

¹ Cito o título de António Ramos Rosa, Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

² Porto, Fundação Manuel Leão, Colecção «Fogo das Figuras», 1, 1998.

*Lugares mal Situados*³. Entre duas queimadas parece situar-se o primeiro destes livros, a que foi citada em abertura e a que no final se declina, em ocaso simétrico:

Muito pouco

Restará

Depois da fome o sabor do pão

Depois da sede o correr da água

O feixe de lenha à cabeça

Da mulher incendiando

O cair da tarde

(E.A.O.A., p. 90)

Livro, a este nível, exemplar de uma vontade de renascimento sistemático, que o gesto de destruição do estádio anterior opera. Saliente-se, aqui, o especialíssimo modo de orquestrar o texto poético com as artes plásticas utilizado nestes dois volumes inaugurais da Fundação Manuel Leão. Em caderno destacável, no final, encontra o leitor a reprodução do que Daniel Faria, muito artesanalmente e com um rigor compositivo inquestionável fez, para dois amigos, em dois exemplares de livros anteriores, também de sua autoria. Em *A Casa dos Ceifeiros*, aliás terminando também sob o signo do incêndio, uma reelaboração gráfica completa do volume, sobre o qual foram feitas colagens, onde, apesar de tudo, subsiste o texto dos poemas. No caso de *Oxálida*, as igualmente esplêndidas colagens efectuadas sobre o próprio texto, de que não restam senão os títulos, ou partes deles. Assim se deu a rara felicidade de as duas «invenções de claridade» visadas pela Colecção serem aqui geradas «pelo mesmo autor, sendo dois tempos que se somam na construção progressiva da mesma luz». *Explicação das Árvores e de Outros Animais*, de novo:

A estrela nasce da raiz carbonizada

Do caule queimado

³ Porto, Fundação Manuel Leão, Colecção «Fogo das Figuras», 2, 1998. O presente texto é a versão revista do que foi lido na apresentação conjunta dos dois volumes em 19.05.98.

EXPLICAÇÃO DOS HOMENS E DE OUTROS ANIMAIS

Da roda dos bois afogueados
Quando em chamas com cornos espigados
Passam entre medas que alumiam o caminho para casa.
O fogo é provisão e possessão
O degrau na vida – ao meio –
A bússola que arde. E há constelações na mão
Que leva o gado.

(E.A.O.A., p. 8)

Predomina na globalidade do volume uma dicção poderosa, deslumbrante de simplicidade, abrangendo a variação ampla do percurso da evocação dos medos ao acender do lume na pedra enquanto mundo, da enunciação definida na primeira pessoa ao pôr entre parênteses a instância enunciativa, para fixar a plenitude revelada, por evidência poética, do continente objectual; da produção de um verso raso e limpo, como que sem memória, à do poema onde, com a mesma simplicidade deslumbrada, a releitura descobre a transmutação da mais nobre e subtil memória de presenças, motivos, ritmos, rimas, serenamente assumidos como lugares possíveis da mais amada escrita do mundo.

1
Se acender a luz
Não morrerei sozinho

2
Ainda que adormeçam os pastores
Não se há-de tresmalhar a canção
Do forasteiro

(E.A.O.A., p. 27)

Este é um trabalho de luz. Mesmo na morte anunciada. Uma infundável flexão da luz que em claríssimos relâmpagos se faz sobre a matéria – do que são exemplos quase todas as «Explicações»⁴ ou alguns dos poe-

⁴ Transcrevo dois exemplos. «Explicação da lâmpada»: «O homem cercou-se de noite/ E com a foice que trazia e ceifava/ Cortou os pulsos procurando o sol/ E as pupilas à procura de água» (E.A.O.A., p. 68); «Explicação do amor e do orvalho»: «Uma fogueira no meio da noite cercada/ Por um homem com os olhos rasos de água» (E.A.O.A., p. 89).

VERA VOUGA

mas brevíssimos que, sem fidelidade explícita ao hai-kai, com ele mantêm, por vezes, aliás na melhor tradição de alguma poesia ocidental, uma certa e solta identidade de pulsação e porte:

Largo é o aberto abandonado
E o vazio é pata que sustenta
De leveza o ramo. O pássaro amanhece
E o seu bico não fere o seu canto

(E.A.O.A., p. 9)

Como doem as árvores
Quando vem a Primavera

E os amigos que ainda estão de pé

(E.A.O.A., p.10)

Como as crias no colo dobrasse as patas
E nas pequenas hastes trespassasse
O que separa
E bebesse do chão aberto pelos cascos

(E.A.O.A., p.11)

Houvesse um sinal a conduzir-nos
E unicamente ao movimento de crescer nos guiasse. Termos das árvores
A incomparável paciência de procurar o alto
A verde bondade de permanecer
E orientar os pássaros

(E.A.O.A., p.19)

Luz difusa. Profunda. Por vezes violenta. Mansamente dorida. Evocada. Multiplicada. Na precisa, iminente, justa raiz do nuclear.

E enxerto a luz
Em tudo o que nomeio

(E.A.O.A., p.18)

EXPLICAÇÃO DOS HOMENS E DE OUTROS ANIMAIS

Como reporás a terra arrastada
Para a boca?

Foges e foges
E repousas à sombra da velocidade.

E ao extinguires-te dizes
Tudo
O que podia ser dito
Sobre a luz.

(E.A.O.A., p. 55)

Guarda a manhã
Tudo o mais se pode tresmalhar

Porque tu és o meio da manhã
O ponto mais alto da luz
Em explosão

(E.A.O.A., p. 56)

Neste espaço habitado, entre o céu e a terra, «um pouco acima do chão/ Nesse lugar onde costumam ser atingidos/ Os pássaros/ Um pouco acima dos pássaros/ No lugar onde costumam inclinar-se/ Para o voo» (E.A.O.A., p.15) pulsa, podemos confirmá-lo se não nos basta acreditar na poderosíssima palavra, decidida e humilde do autor, um coração «solar», que se desenha «Curado da noite da nascença». «Peço um coração/ Nuclear» (E.A.O.A., p. 62).

Capaz de assumir a abrangência da essencialidade matérica à projecção cultural de referencialidade telúrica, miticamente ancestral⁵, à geografia urbana, miticamente deflagrada⁶; capaz, ainda, de assumir a abrangência da

⁵ Leia-se, para além dos textos já citados, o poema «Explicação do jugo»: «O homem no corpo da mulher/ puxou todo o dia o arado/ Do choro dela/ Beberam os bois/ E à noite/ morreram ao seu lado» (E.A.O.A., p. 81).

⁶ Vejam-se as duas «Explicações» a seguir transcritas. «Explicação da luz»: O azulajo lava a sua luz/ Tem o brilho/ Do movimento exacto/ Dos seus vestidos/ E o seu rosto é limpo./ Com suas próprias mãos/ Sem acabar se acaricia./ A luz lava o brilho/ Do azulajo. A luz o lava/ No seu vestido/ E o seu rosto é um./ Com suas próprias mãos/ O quebra e inicia.»

cristalização presente, mais ou menos invariável, do discurso de focalização objectual do tempo, globalmente perfeito, e da singular veia pessoal, focalizada pela rede cronológica da mente que narra e da mão que escreve. «Acontecera que nada se fizera fora/ Do coração» (E.A.O.A., p. 52). «Angular e redondo» (E.A.O.A., p. 62), ele entrevê como milagre o desfazer de encruzilhadas, tecendo sobre a dor transfigurada o percurso de um labirinto-presente-universal de permanência circular, quase materna e aconchegante, ou de saída para um futuro decidido, singularíssimo, de luz. Exemplifico-os, por essa ordem, com «Pedra de Sísifo I» e «Pedra de Sísifo II»:

Carrega a água amotinada
Nos olhos de Narciso, pequeno Sísifo,
Pequeno pirlampo dentro do rochedo
Pequena luz dentro do prodígio.
Rola a semente, sossega nos socalcos
A viagem sempre repetida

De enrolares a pedra é redonda
A vida

(E.A.O.A., p.45)

Agora medirei o tempo
Pela vara erguida ao meio-dia
Pela areia a descer o coração
E o sono

Pela cinza no cabelo de Jacob
Pelas agulhas no colo de Penélope

Agora lavarei a minha face
Sem perturbar os círculos da água
Medirei o tempo pelo peso da pedra
De Sísifo, perto do cimo
E pelo musgo que dificulta
A firmeza dos seus pés

«Explicação do tráfego»: «1.Seta no degrau/ O pé descendo/ 2. Costureiras cosendo o pão/ E verso sobre o verso esta pedra/ A casa animal dos animais/ 3. Leve/ Crina/ Cereal/ Masculina».

EXPLICAÇÃO DOS HOMENS E DE OUTROS ANIMAIS

Partirei sozinho na viagem
Sem nenhuma pedra ou senda repetida
E no tempo repetido acharei uma saída
Uma manhã depois de uma manhã

(E.A.O.A., p. 46)

Claro que o leitor há muito já que concluiu que este é um livro de explicações nenhuma, antes a floração fecunda das pequenas sementes de fogo, rebentando, concisamente tenras, na terra arada do terreno bom. E abençoou decerto a dádiva da graça, o nome mais secreto da alegria. E não tentou reter nas mãos a sua indiscernível e secreta vibração. Arquivou, sem sabê-lo, na memória

Socorre-me, devolve-me a leveza
Da tão primeira nuvem que avistares

(E.A.O.A., p. 58)

– Um quase objecto mágico a ser usado, em oportuno tempo, em sua vida.

Decerto estranhará a diferença evidente de tom que predomina em *Homens que são como Lugares mal Situados*. O seu início:

Examinemos um homem no chão
Testemos a transformação de um homem por terra
A sua natureza tão diferente da lava, a sua maneira mineral
De adormecer.
O que mais interessa é ver o seu lugar rodando para perceber o eixo
Que o move no mundo
Ou como pode a sua posição orientar as aves e os astros.

Interessa também a pedra que ele agarra como alimento
Ou que mão escolhe para lhe servir de funda
– se é que não usa a própria boca para lançar o grito.

Examinemo-lo quando desperta para percebermos de onde vem
Para sabermos se o caminho se repete. Se abre os olhos
Prontos a receber imagens ou então como alguém que desmaiou
Ao chocar contra si próprio.

Interessa perceber os motivos da colisão, se acaso
Terá mastigado a pedra até a misturar no sangue.

VERA VOUGA

Examinemos a sua semelhança com um meteoro que cai
Uma fisionomia sem vocação para subir ao céu
O peso do seu corpo quando o nosso olhar o levanta.
Interessa perceber o íman que cria para nós um lugar junto dele
Um lugar dentro dele. Há um olhar que nos desloca –
A placa giratória do amor?

Interessa também o coração que ele agarra como fruto que colhe
Ou que veia abre no corpo para beber
– se não é que é a pedra o que bebe com as mãos.

Examinemo-lo como quem sai de casa e vê o seu irmão
Examinemo-lo voltado, em viagem, a orientação discreta
De quem cava no peito a bússola.
Interessa reparar como tropeça no mistério
E se levanta a pedra para compreender.

(H.S.L.M., p. 7/8)

«Examinemos um homem no chão» requer de imediato um despoja-
mento inicial. Esquecer o que provavelmente esperávamos da poesia, con-
cretamente a partir da dicção breve, de tão intenso e contido brilho, degus-
tada no livro anterior. Só essa radical rasura nos torna disponíveis para
assumir este livro progressivamente surpreendente, de poemas de maior
porte, mais voluntariamente anti-poéticos e mesmo anti-retóricos, nas refe-
rências habituais de tais termos, onde, com uma ou duas exceções, o verso
é essencialmente livre e branco, segundo um fraseio quase sempre muito
nítido e muito manso, clarão de transmutada força ardendo sobre a coa-
lescente fronteira da poesia, que reafirma com irrecusável esplendor. «Exa-
minemos um homem no chão/ (...) Examinemos a sua semelhança com um
meteoro que cai/ Uma fisionomia sem vocação para subir ao céu».

A postura dos homens por terra – «Homens que são como lugares mal
situados» (H.S.L.M., p. 12), «Homens nas varandas voltados para a velhice/
muito danificados pelas intempéries» (H.S.L.M., p.13), «Homens que tra-
balham sob a lâmpada/ da morte» (H.S.L.M., p. 14), «homens que põem
as mãos nas grades/ que encostam a cabeça aos ferros/ Sem outra cabeça
onde encostar o coração» (H.S.L.M., p. 15) – preenche globalmente a pri-
meira parte do livro. «Homens (...)/ Que escavam um lugar/ para a saída»
(H.S.L.M., p. 14), «Tão confusos à espera de um sistema solar/ Onde seja

EXPLICAÇÃO DOS HOMENS E DE OUTROS ANIMAIS

possível uma sombra maior» (H.S.L.S., p. 13): «Não lhes toquemos senão com os materiais secretos/ Do amor» (H.S.L.M., p. 15). Neste quadro globalmente sombrio, embora com lampejos de esperança – «Sei que o homem lavava os cabelos com se fossem longos/ Porque tinha uma mulher no pensamento «(H.S.L.M., p. 9) – só o poderoso arquétipo materno contrapõe o seu coração central: «O filho é o carrossel à volta da mãe/ O carrossel no coração da mãe» (H.S.L.M., p. 11). Seu coração de casa e árvore.

As mulheres aspiram a casa para dentro dos pulmões
E muitas transformam-se em árvores cheias de ninhos (...)

As mulheres aspiram para dentro
E geram continuamente. Transformam-se em pomares.
Elas arrumam a casa
Elas põem a mesa
Ao redor do coração.

(H.S.L.M., p. 10)

Sublinha-se, a concluir esta primeira parte, de evocação sombria da condição humana: «Não levantemos os homens que se sentam à saída/ (...) Sentemo-nos/ no lado oposto, onde eles podem vir para erguer-nos/ A qualquer instante» (H.S.L-M., p. 15). Viramos a página e encontramos-nos, transportados por subterrânea placa giratória, num outro patamar. A luz aumenta. A travessia faz-se deste modo literalmente desarmante:

Amanhecemos sem materiais suficientes para a luz total

Amanhecemos cheios de sede como se viéssemos de um outro hemisfério

Amanhecemos sem braços bastantes para a luz

Esticamo-nos para sermos setas de fogo
Ou o som dos chocalhos trespassando
Os mais tenros rebentos das chamas.

(H.S.L.M., p. 19)

VERA VOUGA

E, invertendo o percurso efectuado em Explicação das Árvores e de Outros Animais, que parte do pessoal para o universalizável, este livro desenrolar-se-á agora como demanda singularmente enunciada, onde o lugar do poema duplica, concentra, miniaturiza o lugar da experiência⁷.

Repito que vivo enclausurado na agilidade de um animal nascido
Correndo ao lado dele, correndo para ele – era assim
Que eu queria que fosse a linguagem veloz:
Uma casa para a infância com trepadeiras
Para que as palavras ficassem como frutos no alto.

Repito a corrida na memória quando estou parado
Penso velozmente que o amor, como Dante disse, é um estado
De locomoção. É um motor. E fico a trabalhar no mecanismo secreto
Do amor.

Sei que estou em viagem na palavra que se move.

Repito o trajecto para ver o poema de novo – era assim
Que eu queria que fosse a linguagem de uma coisa amada
Correndo ao meu lado, correndo para mim no mecanismo violento
Do amor. Era nele que eu queria a casa com trepadeiras
Onde as palavras ficassem silenciosas e altas como um pátio interior.

(H.S.L.M., p.20)

Em cena, ainda, o dobar da luz. Que se presente – a mesma e outra – na sua ambígua, inapreensível, obscura, múltipla flexão. Abrangendo a vigília, o sono, o sonho, a memória matérica, cultural, sinestésica, onírica, visionária. «É por isso que adormeço numa luz em movimento» (H.S.L.M., p. 21); «Está para além do que se vê a janela onde me debruço definitivo» (H.S.L.M., p. 22). Abramos a janela seguinte «Na forma de quem pede por socorro» H.S.L.M., p. 23):

⁷ Uso miniaturização na perspectiva apontada por BACHELARD, Gaston – *La Poétique de l'Espace*, Paris, PUF, 1957; um processo de miniaturização mais microscópico, onde são analisadas as bases pulsionais da fonação, encontra-se em numerosos estudos de Ivan Fónagy, muitos deles reunidos em *La Vive Voix. Essais de psycho-phonétique*, Paris, Payot, 1983. Num sentido lato e fundamente implícito, esta livre circulação e equivalência de medida é um pressuposto de todo o funcionamento analógico.

EXPLICAÇÃO DOS HOMENS E DE OUTROS ANIMAIS

Foi um tempo branco, repetidamente lavado nas próprias mãos
Desviando a transparência do rosto para a noite
Um tempo branco muito diferente da verdade
Muito diferente das estrelas que se apagam

Foi um tempo muito branco
Mais doloroso do que os olhos sempre abertos no escuro
Inimaginável quando pus de fora a cabeça, as mãos
tendo deposto o que trazia nelas –
O corpo todo
E saí como um paraplégico depois do milagre
Na forma de quem pede por socorro

Foi um tempo branco porque era mudo
E não havia nenhuma palavra que pudesse apagá-lo
Um tempo tão manso como um lobo que não morde
Um tempo tão branco
Tão raso

Saí como um coxo que caminha sobre um tempo tão liso
Tão branco
Que pensei que era um muro aquele tempo estar ali
E bati contra ele como uma badalada que demora

E era branco, um som que eu nunca ouvi

(H.S.L.M., p. 23)

O final deste ciclo conclui: «E fabricas um homem que se afasta/ Do mundo» (H.S.L.M., p. 26). Um afastamento mais brando, se nos detivermos em indícios dos poemas anteriores, alguns citados; mais decisivo, se nos detivermos nos dois poemas precedentes. «Tornei-me peso/ Rochedo respirando para dentro nos líquenes interiores / (...) Tornei os olhos muito impuros por milhares de imagens/ (...) Tornei-os incapazes das visões/ Das visões interiores e por fora / Da aparência» (H.S.L.M., p. 24) narra a violência do «Peso da cegueira nos (...) [seus] olhos contaminados/ Das pupilas inquinadas pelas pedras interiores» (H.S.L.M., p. 24). Dessa luta de morte com as imagens exteriores e interiores, em cardume acerado, sai, finalmente, no poema seguinte, a voluntária destruição absoluta da forma, mesmo da pura transparência.

Dinamitei depois tudo o que em mim tinha forma de aquário

E dinamitei o vazio e encontrei um peso
Humano que não se afundava
Era um milagre como Lázaro vindo para fora!
Era um homem que nos levava por um caminho desconhecido para casa
E que partia o pão. E eu vi que era ele
Que partia
O pão.

(H.S.L.M., p. 25)

E, como os discípulos de Emaús, reconhecemos finalmente o que só pressentíamos. E a luz reconhecida mostra-nos, como mostrou Daniel Faria para o percurso de Frei Agostinho da Cruz⁸, o seu próprio percurso como um percurso de conversão e, neste segundo livro, o abeirar-se do conhecimento da contemplação, nas suas fases meditativa, purgativa e unificativa, embora com reincidências de caminho em espiral. O painel da primeira parte preencheu, de algum modo, a primeira etapa⁹, embora ela se vá progressivamente enriquecendo de imagens a ser, mais tarde, descartadas. Depois das imagens de escamas cerradas, as míticas imagens do portentoso ciclo narrativo «Para encontrar o golpe no sono» (demasiadamente coeso para ser fragmentado); e logo, para virem também a ser por fim abandonadas, as bíblicas imagens de «Se fores pelo centro de ti mesmo», atravessadas por uma límpida reinterpretação do motivo, pela memória irrecusável da livre tradução de outros poetas, ou pela fidelidade de uma quase tradução onde se reencontra a graça própria de todo o texto bíblico, nas palavras de Santo Agostinho, a «humildade santa da sua linguagem»¹⁰. Reparemos como esse «espaço no corpo que pode ser um lugar»

⁸ *A meditação da Paixão na poesia de Frei Agostinho da Cruz*, Tese de Licenciatura, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Porto, 1996.

⁹ Entendemos, assim, causalmente meditativa-purgativa, certa penosidade da insistente recorrência anafórica dos poemas «Homens...». Um processo repetitivo que vem a tornar-se muito leve e muito fluido, como mostram os poemas seguintes.

¹⁰ A partir da tradução proposta por AUGUSTIN, D'Arnaud – *Les Confessions de Saint Augustin*, Livre VI, Chapitre V, Paris, Garnier, 1925, vol I, p. 197. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina em *As Confissões de Santo Agostinho*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 10ª Ed, 1981, p. 138, traduzem «regação da santa humildade».

EXPLICAÇÃO DOS HOMENS E DE OUTROS ANIMAIS

(H.S.L.M., p. 21), lido atrás, se projecta em luz dobrada, em demorada luz de presença envolvente, a centrar-se, sobre esta citação/reinvenção do Génesis:

Se fores pela direita
Olharei em redor
Se fores pela esquerda e descansares
Olharei em redor

O meu olhar há-de acompanhar-te
Como a poeira à volta dos teus pés

Se fores pelo centro de ti mesmo
Tactarei
Abrirei a mão e estarás próximo
Basta respirares
E olharei em redor

(H.S.L.M., p.41)

«Arruma as tuas alegrias
E faz as malas como se fosses emigrante

Leva contigo todas as coisas

Para que possas levar também a luz

Parte de tarde, dobrando a luz

(H.S.L.M., p. 52)

Tudo isso irás também abandonar, purificando-te, ainda, nos passos seguintes. «Porque em teu peito nunca fora aberta/ A veia exacta para lhe

¹¹ Adaptando de leve e com inquestionada fidelidade à poderosa e afabilíssima memória decassilábica, que ele activa, o poema de E.A.O.A., p. 85, 'Explicação do alpendre': «Porque em seu peito nunca tive aberta/ A veia exacta para lhe ser sangue».

ser sangue», rememoras sem saber como¹¹. E agora podes confessar que numa «fisionomia sem vocação para subir ao céu» sempre teimaste em ler, intuição do verso e do aberto, também, o seu contrário. Começas a entender «a palavra nova/ a pedra onde corre o sangue/ (...) Põe a boca na palavra líquida/ (...) Há dentro dela uma pedra nupcial» (H.S.L.M., p. 59). A luta, aguda e acesa, centra-se cada vez mais na palavra, «Uma espécie de anjo ferido na raiz,/ Não na raiz das asas, mas na raiz da comunhão» (H.S.L.M., p. 65). «- e havia uma força cega / No poema:/ Era um verbo de sangue para o silêncio arder» (H.S.L.M., p. 64). A bússola indica a direção dos instrumentos do fogo, mineração antiquíssima, enfim Pentecostal. A do «instrumento difícil/ do silêncio»:

Trago os instrumentos do fogo
Ponho-os na boca
Ponho-os no coração

Trago os instrumentos da respiração
- uma montanha, uma árvore que lhe dá abrigo -
E suspendo-os nos ramos como pinhas que dão sombra
Um lugar fresco para os deportados de Sião nas margens

Trouxe também os instrumentos dos mineiros
Uma luz na cabeça voltada para o pensamento
Um olhar profundo
O modo prisioneiro de virem livremente para fora

E trago os instrumentos na circulação do sangue e na ocupação permanente
Das mãos
Para o instrumento difícil
Do silêncio

(H.S.L.M., p. 69)

O silêncio possível de exprimir-se. Concêntrica e ardente aproximação. Se não totalmente vazio de imagens, o que conjuga o nome nunca dito do mediador único e definitivo, para citar ainda o autor¹², que o poema

¹² *A Meditação da Paixão* ..., cit., p. 115: «única mediação entre Deus e o homem»; *Ibid.*, p. 120: «mediação única do Verbo»; p. 152: «Aquele que é o mais excelente e único mediador entre o céu e a terra, entre o homem e Deus».

EXPLICAÇÃO DOS HOMENS E DE OUTROS ANIMAIS

final do livro, «Cruz, rosa» que, por preferência de Daniel Faria ficará reservado a uma leitura íntima, depõe nas nossas mãos, explicação do centro enquanto centro, a concluir: «Verbo/ Tão inteiro que se fez espelho» (H.S.L.M., p. 79).

Há uma palavra pessoa
Uma palavra pregada ao silêncio de dizer-se como nunca fora ouvida

E nela dizer-se posso existir.
Só posso viver cabendo nela
Habito-a
Como Jonas o grande peixe.

Ela pronuncia-me
Traz-me em viagem do nada para o silêncio – exemplifico-a com a luz
de um homem que ressuscita – sustenta-me
Como o jejum alimentando Nínive

Mas também posso ser um vaso para ela
– um vaso não, outra coisa qualquer que não consigo
comparar às coisas da terra – um lugar tão verdadeiro
Que mesmo a luz em suas praças, pátios e alpendres
Só imprecisamente é capaz de assinalar

E como salva a cinza em Nínive espalhando-se
Eu posso propagá-la
E posso amá-la até me transformar.

(H.S.L.M., p. 76)

Ao perguntar (rara cedência ao travejamento retórico, aqui na forma de interrogação), ao longo do penúltimo poema

E se não escrever o teu nome
Como direi a alegria ao mundo?

(H.S.L.M., P.78)

Daniel Faria não ignora decerto que recebeu a graça de inscrever esse «homem que é uma palavra/ na sua túnica inteira» (H.S.L.M., p. 77) em todo o percurso singularmente coerente do seu livro.

E que por Ele, com a pequenez de Zaqueu, suspensa a identidade privada de nascença, curado dos passaportes, muros e fronteiras, pôde, depois da espessa tradição do relativismo, da dúvida e do fingimento, e sobre a travessia de fundos continentes oniristas, pôde, dizia, reinventar a confissão. Em que a primeira pessoa, em ressonância cósmica, se pauta, finalmente, pelo eixo definido da verdade contemplada. Porque «O Verbo era a luz verdadeira¹³». Experiência sem preço, fraternalmente partilhável, de uma catarse sem terror. Por tudo o que foi dito e especialmente por isto, instrumento absoluto de paz. E ocorrem de novo as palavras de S. João: «Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz»¹⁴.

Vera Vouga

¹³ Jo 1, 9.

¹⁴ Jo 1, 8.